

# LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE:

## Divindades da Alma

SRI AUROBINDO

A meta da religião da humanidade foi formulada no século dezoito por uma espécie de intuição primordial; esta meta era e ainda é recriar a sociedade humana à imagem de três ideias aparentadas: liberdade, igualdade, fraternidade. Nenhuma destas foi realmente conquistada a despeito de todo o progresso que foi alcançado. A liberdade que foi tão veementemente proclamada como um fator essencial do progresso moderno é uma liberdade exterior e mecânica e irreal. A igualdade que tanto se buscou e pela qual tanto se batalhou é igualmente exterior e mecânica e terminará por se mostrar irreal. Quanto à fraternidade, nem mesmo se proclama ser ela um princípio praticável da ordenação da vida e o que é colocado como seu substituto é o exterior e mecânico princípio de associação igualitária ou, no melhor, um companheirismo de trabalho. Isto é porque a ideia da humanidade foi obrigada, numa época intelectual, a mascarar seu verdadeiro caráter de uma religião e uma coisa da alma e do espírito e a apelar à mente vital e física do homem em vez de ao seu ser interior. Ela limitou seu esforço à tentativa de revolucionar as instituições políticas e sociais e a criar tal modificação das ideias e sentimentos da mente comum da humanidade que tornasse praticáveis tais instituições; ela trabalhou muito mais na maquinaria da vida humana e na mente exterior do que sobre a alma da raça. Ela labutou para estabelecer uma liberdade, igualdade e auxílio mútuo nos âmbitos político, social e legal, na base de uma associação igualitária.

Contudo, embora esses objetivos sejam de grande importância em seu próprio campo, eles não são a coisa central; eles somente podem ser seguros quando fundamentados em uma mudança da natureza humana interior e do modo de viver interior; em si mesmos eles são de importância apenas como meios para dar um maior escopo e um campo melhor para o desenvolvimento do homem em direção àquela mudança e, uma vez alcançada, como uma expressão exterior da mais vasta vida interior. Liberdade, igualdade, fraternidade são três divindades da alma; elas não podem realmente ser alcançadas através da maquinaria externa da sociedade ou pelo homem enquanto ele viver apenas no ego individual e comunal. Quando o ego clama por liberdade, ele chega a individualismo competitivo. Quando afirma a igualdade, ele chega primeiro a conflito, em seguida a uma tentativa de ignorar as variações da Natureza e, como única maneira de realizá-la com

sucesso, ele constrói uma sociedade artificial e maquinal. Uma sociedade que persegue a liberdade como seu ideal é incapaz de alcançar a igualdade; uma sociedade que visa igualdade será obrigada a sacrificar a liberdade. Pois para o ego, falar de fraternidade é falar de algo contrário à sua natureza. Tudo o que ele conhece é a associação para a prossecução de finalidades egoísticas em comum e o máximo a que ele pode chegar é a uma organização mais próxima para a distribuição igualitária de trabalho, produção, consumo e desfrute.

E, no entanto, irmandade é a chave real para o tríplice evangelho da ideia de humanidade. A união de liberdade e igualdade somente pode ser alcançada pelo poder da irmandade humana e não pode ser fundamentada em nenhuma outra coisa. Mas a irmandade existe somente na alma e para a alma; ela não pode existir por meio de nenhuma outra coisa. Pois esta irmandade não é uma questão seja de parentesco físico ou de associação vital ou de concordância intelectual. Quando a alma clama por liberdade, é a liberdade do seu autodesenvolvimento, o autodesenvolvimento do divino no homem em todo o seu ser.

Quando ela clama por igualdade, o que ela está clamando é pela liberdade para todos igualmente e pelo reconhecimento da mesma alma, a mesma divindade em todos os seres humanos. Quando se esforça pela irmandade, ela está fundando aquela igual liberdade de autodesenvolvimento num objetivo em comum, uma vida em comum, uma irmandade de mente e sentimento fundada sobre o reconhecimento da unidade espiritual interior.

Estas três coisas são de fato a natureza da alma; pois liberdade, igualdade, unidade são os atributos eternos do Espírito. É o reconhecimento prático desta verdade, é o despertar da alma no homem e a tentativa de levá-lo a viver a partir de sua alma e não de seu ego, que é o significado interior da religião, e é a isso que a religião da humanidade igualmente precisa chegar antes que ela possa cumprir-se na vida da raça.

(Social and Political Thought, Centenary Library vol. 15. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram, 1971, pp 545-547).